

**VIOLÊNCIA DO OPRIMIDO E VIOLÊNCIA DO
OPRESSOR: DOS MODOS DE VIOLÊNCIA NO PREFÁCIO
DE JEAN-PAUL SARTRE A OS CONDENADOS DA TERRA
DE FRANTZ FANON**

*THE VIOLENCE OF THE OPPRESSED AND THE
VIOLENCE OF THE OPPRESSOR: ON THE MODES OF
VIOLENCE IN JEAN-PAUL SARTRE'S PREFACE TO THE
WRETCHED OF THE EARTH BY FRANTZ FANON*

LUCAS GONÇALVES PALMIER DE ALMEIDA

Mestrando em Filosofia na UFF

Bolsista da CAPES/DS

<https://orcid.org/0000-0001-6808-9433>

<http://lattes.cnpq.br/5864574874088334>

lucaspalmier@id.uff.br

Resumo: O artigo busca evidenciar o estatuto e os modos da violência a partir do prefácio de Sartre a "Os Condenados da Terra". Primeiramente, contextualizamos, nos termos de Sartre, a "idade de ouro" da colonização e como uma nova geração de colonizados pôs fim a essa era. Em seguida, discutimos como o discurso de Fanon, ao diagnosticar a decadência europeia, traz um novo tom de ignorância e desprezo a seus colonizadores. Dessa forma, a obra de Fanon, segundo Sartre, mostra-se devastadora ao se dirigir tão somente aos seus irmãos colonizados, em total indiferença aos seus colonos. Por que, então, diante dessa indiferença, ler Fanon? Por dois motivos, dirá Sartre: primeiro, para os europeus se reconhecerem; segundo, e o mais importante para nós, porque Fanon se atentará à parteira da história: a violência. Enfim, analisamos a figura da violência no prefácio de Sartre, assim como a dialética que perpassa essa noção. Iniciando com o que chamamos de violência colonial, passando pela violência do oprimido, culminando na violência revolucionária. Veremos como esse primeiro momento da violência produz uma espécie de sub-humanidade ao criar uma elite colonial e inserir diversas séries de racismos dentro desse próprio povo, estratificando-o. Em seguida, notaremos que o

segundo momento da violência nada mais é do que a violência do opressor, interiorizada pelo oprimido. E, por fim, no terceiro momento, a violência do oprimido volta-se contra seu opressor. Veremos também um quarto momento da violência: aquela que produzirá uma violenta descolonização do colono interior no leitor, sobretudo o leitor burguês.

Palavras-chave: Violência; Opressor; Oprimido; Sartre; Fanon.

Abstract: This paper seeks to highlight the status and modes of violence in Sartre's preface to "The Wretched of the Earth." First, we contextualize, in Sartre's terms, the "golden age" of colonization and how a new generation of colonized people brought that era to an end. Next, we discuss how Fanon's discourse, by diagnosing European decadence, brings a new tone of ignorance and contempt to its colonizers. Thus, Fanon's work, according to Sartre, proves to be devastating as it addresses only his colonized brothers, with total indifference to their colonizers. So why, in light of this indifference, read Fanon? For two reasons, Sartre will say: first, for Europeans to recognize themselves; second, and most importantly for us, because Fanon will focus on the midwife of history: violence. Finally, we analyze the figure of violence in Sartre's preface, as well as the dialectic that permeates this notion. Starting with what we call colonial violence, passing through the violence of the oppressed, culminating in revolutionary violence. We will see how this first moment of violence produces a kind of sub-humanity by creating a colonial elite and inserting various forms of racism within that society, stratifying it. Next, we will note that the second moment of violence is nothing more than the violence of the oppressor, internalized by the oppressed. And finally, in the third moment, the violence of the oppressed turns against their oppressor. We will also see a fourth moment of violence: that which will produce a violent decolonization of the internal colonizer in the reader, especially the bourgeois reader.

Keywords: Violence; oppressor; oppressed; Sartre; Fanon.

Introdução

Foi na Roma de 1961 que, pela primeira vez, encontraram-se Frantz Fanon e Jean-Paul Sartre. Já debilitado pela leucemia que enfrentava, Fanon questionava Sartre noites a fio. Em 1960, Fanon já se encontrara com os

emissários da "Tempos Modernos" — revista fundada por Sartre em 1945 —, Claude Lanzmann e Marcel Péju, quando discutiram sobre a guerra da Argélia e suas reverberações no cenário intelectual francês. Na data deste encontro, Frantz Fanon:

Já tinha lido a *Crítica da Razão Dialética*, que comentou horas a fio. Falou também dos caras 'do interior' como verdadeiros iluminados, de tanta abnegação, espírito de sacrifício e dedicação. Estava louco de vontade de se abrir com alguém e, acima de tudo, queria nos convencer que esse 'interior da Argélia' agora já era a liberdade pura, isenta de qualquer preconceito, dizendo ainda que Sartre era um deus, referindo-se a ele com uma voz triplamente urgente: em primeiro lugar por causa da doença — a leucemia, que o condenava a curto prazo. Em segundo, da revolução argelina. E, por fim, da africana (Cohen-Solal, 1986, p. 550).

Escrita às pressas devido à doença, Fanon manifestou, desde o início, seu desejo de que Sartre fosse o autor do prefácio de sua última obra, "Os Condenados da Terra". Em carta ao seu editor, no dia 7 de abril de 1961, diz o seguinte:

Meu estado de saúde tem melhorado um pouco [...] resolvi escrever, mesmo assim, alguma coisa. É preciso dizer que fui levado a isso, com muita insistência, pelos nossos correligionários... Peço-lhe, na certeza de que serei atendido, *apressar* a edição deste livro... E que Sartre o prefacie. Diga-lhe que toda vez que sento à minha mesa, penso nele. Nele, que escreve coisas tão importantes para o nosso futuro, mas não encontra por aí leitores que ainda saibam ler e, por aqui, simplesmente leitores. (Cohen-Solal, 1986, p. 552-553).

Sartre já havia redigido textos acerca do racismo e das questões coloniais, dentre os quais se destaca: "Orfeu negro" e "Reflexões sobre a questão judaica" (Sartre, 1968). Textos que Fanon teria conhecimento ainda em 1948.

Sartre aceita o pedido do camarada martinicano e produz um icônico prefácio com sabor de revolta. Europeu, escolhe falar não para os colonizados, mas para sua gente, os colonos:

O que é que Sartre celebra aí? O aparecimento da voz autônoma dos colonizados, o nascimento de um novo parceiro político, a

transformação, enfim, do oprimido em semelhante, que fala de igual para igual. Nessa longa meditação sobre sujeito e objeto, nessa análise da dialética europeu-colonizado, é o professor que aprende com o aluno, é o filho que ensina ao pai. Aliás, acrescenta Sartre, se a Europa quer se curar, tem que escutar essa voz (Cohen-Solal, 1986, p. 553).

Fanon morreu em 6 de dezembro de 1961, e o prefácio de Sartre à sua última obra inaugurou um novo gênero de texto na obra sartreana: o da oração fúnebre. Posteriormente, escreveu dois artigos — “Albert Camus” e “Merleau-Ponty” — em homenagem aos seus amigos, que morreram em 4 de janeiro de 1960 e 4 de maio de 1961, respectivamente.

O presente artigo busca tratar da noção de violência presente no prefácio de 1961, escrito por Jean-Paul Sartre e encomendado por Frantz Fanon para sua obra *Os Condenados da Terra*, bem como evidenciar os modos e os momentos de sua aparição. Mostraremos que é possível realizar, no prefácio, uma espécie de dialética da violência que, partindo da violência colonial, culminará na violência revolucionária e terá um “quarto momento”, no qual se produzirá uma descolonização no interior do colonizador. Sartre trata a noção de violência, no prefácio, como uma ferramenta essencial para a revolução, permitindo a libertação dos oprimidos e afastando qualquer tipo de teor moralista da noção. Nas palavras do historiador François Dosse:

Sartre posiciona-se no terreno não do protesto moral, mas da causa do Terceiro Mundo; ele considera que se abre, finalmente, uma terceira via que permite escapar do mundo binário da guerra fria, Ao lutarem pela própria emancipação, os povos tornam-se, em seu entender, portadores de um horizonte de salvação. [...] Para Sartre, a guerra contra o colonialismo *não admite nenhuma condescendência* e, em vez disso, *deve apoiar a violência que se encontra inevitavelmente no bojo dessa causa* (Dosse, 2021, p. 382, grifo nosso).

Com isso, evidenciamos uma tratativa positiva, ou seja, não moralista, de uma noção político-filosófica polêmica — a saber, a violência¹ — que responde a uma necessidade que André Yazbek exprime nas seguintes palavras:

¹ Sobre uma teoria da violência sartriana melhor elaborada cf. Sartre, 1998.

Em vista da abstração mistificadora dos valores morais universais perpetuados pela burguesia, que dissolvem o “homem concreto” na fantasmagoria do idealismo, *o intelectual deve reencontrar o tema da violência do oprimido para distingui-lo da violência do opressor* (Yazbek, 2020, p. 97, grifo nosso).

Gostaria ainda de afirmar, a fim de preservar a singularidade filosófica tanto de Fanon quanto de Sartre e de forma alguma dar maior proeminência a um sobre outro, que o presente artigo não trata, ao menos não exclusivamente, da obra fanoniana, mas tão somente de uma leitura sartreana da obra de Fanon expressa no prefácio escrito por Sartre.²

Para uma melhor compreensão dos objetivos do artigo, o dividiremos em duas partes: a primeira parte contextualiza o surgimento da questão da violência no prefácio; e a segunda parte refere-se à noção de violência e seus modos de aparição no texto sartreano.

1 A Idade de Ouro

Sartre inicia seu prefácio desvelando, de cara, uma distinção que o humanismo produz veladamente: de um lado, o ser humano; do outro, o ser indígena que, por oposição, torna-se uma espécie de não-ser-humano. “Não há muito tempo, a terra contava dois bilhões de habitantes, ou seja quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas” (Sartre, 2005, p. 23). Enquanto aqueles, os “homens”, dispunham do verbo³ (o *lógos* grego), estes — os outros, não-seres-humanos — o tomavam por empréstimo. Entre ambos, uma terceira classe, formada por uma falsa burguesia, servia de intermediária entre o ser-humano e o não-ser-humano. A verdade aparecia nua e crua nas colônias, mas a Metrópole a preferia velada, pois era preciso que os indígenas (o não-ser-humano) a amassem, como às suas mães.

Para isso, criaram um indigenato de elite: selecionaram certo número de adolescentes, marcaram sua fronte a ferro e fogo com princípios ocidentais e os

² A respeito de uma leitura fanoniana de Sartre cf. Faustino, 2020.

³ Sobre a relação entre linguagem e colonialidade em Sartre e Fanon cf. Alt, 2021.

devolveram falsificados às suas terras de origem. Essas “mentiras vivas”, entretanto, nada tinham a dizer aos seus irmãos: “De Paris, de Londres, de Amsterdam, lançávamos palavras: ‘Partenon! Fraternidade!’, e, em algum lugar da África, lábios se abriam: ‘...tenon!...nidade!’ *Era a idade do ouro* (grifo nosso)” (Sartre, 2005, p. 23).

Porém, tudo se acabou quando tais bocas monstruosas começaram a se abrir independentemente e a falar do *humanismo burguês europeu*, não para exaltar sua bondade, mas para *denunciar sua desumanidade*. Bastaram duas gerações para que essa idade de ouro acabasse. Primeiramente, dirá Sartre, os europeus se deslumbraram com sua capacidade de falar por si próprio ao acusar sua inumanidade enquanto falavam do seu humanismo, internalizando o *lógos*, ou seja, o ideal europeu. Orgulharam-se de sua criação: *o negro greco-latino*. Despreocupados, diziam: “deixemos que eles gritem, isso os alivia. Cão que ladra não morde” (Sartre, 2005, p. 24).

Uma segunda geração, entretanto, eliminou esse problema. Alertou seus irmãos que os valores europeus não se adequavam à sua vida, que não podiam rejeitá-los inteiramente, tampouco assimilá-los. “Em geral, isso queria dizer: vocês fazem de nós monstros, o seu *humanismo nos afirma como universais* e as suas *práticas racistas nos particularizam*” (Sartre, 2005, p. 24, grifo nosso). O humanismo europeu afirmava a igualdade universal, mas seu racismo os mantinha a certa distância, diferenciando-os. Seus colonizadores, porém, os ouviam muito tranquilos, pois sabiam, mesmo sem precisar ler Hegel, que toda consciência infeliz se perde em suas contradições. Bastava, então, perpetuar a infelicidade desses revoltosos, pois nada sairia dali. No mais, tratava-se apenas de uma reivindicação de integração que não seria cedida, pois, do contrário, o próprio sistema exploratório se arruinaria. Quanto à revolta, ficavam tranquilos, afinal: “que indígena consciente iria massacrar os belos filhos da Europa apenas para tornar-se europeu como eles?” (Sartre, 2005, p. 24-25).

1.1 Um novo tom

Dessa segunda geração, surgirá um novo tom, um tom que, deixando a Europa de lado, busca afastar-se dela. Mas, alerta-nos Sartre, quando um francês diz: "Estamos todos perdidos", incluindo-se entre seus compatriotas, seguido de um "a menos que...", trata-se tão somente de uma ameaça seguida de um conselho. Não há, portanto, erro a cometer. Resta seguir tais recomendações à risca, do contrário toda nação se desintegrará: "Em resumo, é uma ameaça seguida de um conselho e essas declarações chocam ainda menos porque jorram da *intersubjetividade nacional* (grifo nosso)" (Sartre, 2005, p. 25).

O que Fanon quer, porém, não é alertar a Europa, mas, médico que é, diagnosticá-la. Não procura condená-la, tampouco curá-la, constata que agoniza e busca, com isso, tratar de outras coisas. "Quanto a tratá-la, isso não: ele tem outras preocupações na cabeça; que ela exploda ou sobreviva, pouco lhe importa" (Sartre, 2005, p. 26). Eis o caráter devastador de *Os Condenados da Terra*, segundo Sartre. Se os europeus se espantam com esse escândalo, é porque o seu verdadeiro sentido lhes escapou: a obra fanoniana não se dirige a eles, não lhes diz nada. Fala *deles*, não *para eles*.

Chega de Goncourt negros e de Nobel amarelos: acabou o tempo dos colonos laureados. Um ex-indígena "de língua francesa" dobra essa língua a exigências novas, usa-a e dirige-se apenas aos colonizados: "Indígenas de todos os países subdesenvolvidos, uni-vos!". Que decadência: para os pais, éramos os únicos interlocutores; os filhos nem nos consideram mais como interlocutores legítimos. Somos os objetos do discurso (Sartre, 2005, p. 26).⁴

⁴ Interessante lembrar que em *O Ser e o Nada* (1943) a relação com o outro caracteriza-se por uma relação de dominação cambiante onde, ora o ser-Para-si se compreende como sujeito (dominante) da relação, ora se compreende como objeto (dominado). O que Sartre aponta aqui é a surpresa do europeu ao compreender-se como objeto do discurso, coisa inédita nessa relação de dominação. Além disso, é pela compreensão de si como objeto que pode-se compreender seu ser-Para-outro na ontologia fenomenológica de Sartre. Por isso, Sartre conclama seus compatriotas para que reconheçam seu ser-Para-outro, através do texto de Fanon. Cf. Sartre, 2015b.

Se Fanon deslinda as regras e os mecanismos do jogo colonial — esse que colocou os colonizados contra os metropolitanos —, não o faz para alertar a Europa, mas para ensinar aos seus irmãos a derrotá-la.

Em suma, o Terceiro Mundo se descobre e se expressa a partir dessa descoberta e dessa voz. Sabe que é heterogêneo, mas essa heterogeneidade é fruto da história colonial, ou seja, de muita opressão.⁵ De um lado, com o lema “dividir para conquistar”, a Europa distribuiu a terra colonial entre alguns senhores feudais e, assim, fabricou uma classe de burguesia colonizada. Do outro, deu um único e forte golpe: a colônia é terra de exploração e povoamento. Dessa forma, a Europa fomentou todo tipo de divisão e oposição entre o povo colonizado, forjando classes e racismos, estratificando, por todos os lados, a sociedade colonizada.

Fanon não esconde o jogo: para vencer a metrópole, *a antiga colônia deve lutar contra si mesma*:

No fogo do combate, todas as barreiras interiores devem fundir-se, a impotente burguesia de negociastas e *compradores*, o proletariado urbano, sempre privilegiado, o *lumpemproletariado* das favelas, todos devem alinhar-se com as posições das massas rurais, verdadeiro reservatório do exército nacional e revolucionário (Sartre, 2005, p. 27).

Nessas regiões onde o desenvolvimento foi deliberadamente sufocado pelo colonialismo, o campesinato surge como a classe radical, pois essa classe, dirá Sartre, conhece a verdadeira opressão, sofreu muito mais que os trabalhadores das cidades e, se não quiser morrer de fome, terá que *derrubar as estruturas coloniais*. Portanto, se a luta for bem-sucedida, a revolução será socialista; mas se, ao contrário, a burguesia colonizada — essa falsa burguesia — toma o poder, as estruturas coloniais voltarão a cair nas mãos imperialistas.

Em suma, essa unidade do Terceiro Mundo não está feita, mas em vias de se realizar. É precisamente isso que Fanon quer dizer, segundo Sartre: ou se faz

⁵ Há, aqui, um primeiro efeito da violência opressora, a saber: essa divisão entre o povo colonizado.

em toda e qualquer parte um socialismo revolucionário ou os antigos tiranos continuarão vencendo.

Fanon fala em voz alta aos seus irmãos. Não terá medo de que as potências coloniais tirem vantagem disso? A resposta é: não, pois os procedimentos europeus estão ultrapassados. Podem até atrasar a emancipação, mas nunca a deterão. Não adianta pensar em novos métodos; o neocolonialismo não passa de um conto de fadas (Sartre, 2005, p. 28).

O colono não tem nada senão a força. Quanto ao indígena, não lhe resta alternativa: ou torna-se soberano ou continua a servir. Mas, para Fanon, pouco importa que os europeus leiam sua obra, pois é aos seus irmãos que fala: “a Europa botou as patas sobre os nossos continentes; é preciso feri-las até que ela as retire; o momento nos favorece” (Sartre, 2005, p. 29).

1.2 Por que, então, ler Fanon?

Por que, então, o europeu se pergunta, ler Fanon? Sartre aponta dois motivos.

Em primeiro lugar, Fanon explica a seus irmãos como são os europeus e lhes mostra o mecanismo de suas alienações. É proveitoso, pois revela a si mesmos sua verdade de objetos. Suas vítimas os conhecem pelas suas próprias feridas, e isso torna o seu testemunho irrefutável. Basta lhes mostrar o que fizeram dela para que saibam quem são. Ainda que digam: nós vivemos na metrópole, não somos nós que cometemos, lá, tantas atrocidades. Ainda assim, não são colonos, é verdade, mas, dirá Sartre, não valem mais do que eles. Foram os seus antepassados que, enviados até lá, os fizeram enriquecer tanto:

Vocês, tão liberais, tão humanos, que levam o amor da cultura até o preciosismo, fingem esquecer que têm colônias e nelas massacra-se em seu nome. Fanon revela aos seus camaradas – a alguns deles, principalmente, que estão um tanto ocidentalizados demais – a solidariedade dos “metropolitanos” e seus agentes coloniais (Sartre, 2005, p. 30).

Fanon, portanto, revela também aos seus irmãos a solidariedade dos metropolitanos para com seus irmãos colonizadores. Sartre convoca:

Tenham a coragem de ler este livro. Primeiro, pela razão de que ele lhes dará vergonha, e a vergonha, como disse Marx, é um sentimento revolucionário. Vejam: eu também não posso desprender-me da ilusão subjetiva. Eu também lhes digo: “Tudo está perdido, a menos que...” Europeu, eu roubo o livro de um inimigo e faço dele um meio de curar a Europa. Aproveitem. (Sartre, 2005, p. 30-31).

A segunda razão é a seguinte: Fanon é o primeiro, depois de Engels, a voltar a fazer luz sobre a parteira da História: a violência. Não foi um temperamento forte ou uma infância desgraçada que o levou a ter um gosto pela violência; ele apenas tornou-se intérprete de situação. Daí a ideia central em Sartre, presente já desde 1952 em *Saint Genet: ator e mártir*, expressa na famosa máxima segundo a qual: “o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós fazemos disso que fazem de nós.” (Sartre, 1952, p. 55. Tradução nossa).

2 Violência Colonial

No século XIX, a burguesia europeia, que tomava os operários como invejosos e desregrados, preocupava-se ainda em integrar esses seres brutais à sua espécie. Do contrário, não os considerando homens livres, como poderia vender livremente sua força de trabalho?

Na França e na Inglaterra, o humanismo se dizia universal. Com o trabalho forçado, entretanto, não acontece dessa forma, pois não há contrato. É preciso intimidar, e é aí que a opressão se mostra. Os soldados colonizadores do além-mar negam o humanismo universal metropolitano, aplicando ao gênero humano o *numerus clausus*. Já que não se pode despojar seu semelhante sem ter que cometer algum crime, submetendo-o ou matando-o, o soldado colonizador estabelece um novo princípio: o colonizado não é seu semelhante. Criou-se uma força-tarefa para rebaixar os habitantes do território anexado à classe de animal superior, uma espécie de ser sub-humano, a fim de justificar seu tratamento como bestas de carga.

Portanto, a violência colonial não busca apenas controlar esses dominados, mas desumanizá-los:

Nada será poupado para liquidar suas tradições, para substituir suas línguas pelas nossas, para destruir sua cultura sem dar-lhes a nossa; nós os transformaremos em brutos pela fadiga. Desnutridos, doentes, se resistirem ainda, o medo terminará o trabalho: apontam-se fuzis para o camponês; vêm civis que se instalam na sua terra e o obrigam com o chicote a cultivá-la para eles. Se ele resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se ele cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fissurar o seu caráter, desintegrar a sua pessoa. O caso é tratado com energia, por peritos: não é de hoje que datam os “serviços psicológicos”. Nem a lavagem do cérebro (Sartre, 2005, p. 32).

Porém, apesar de todos os esforços, o objetivo não é alcançado. Não que não seja possível transformar um ser humano em animal; só não é possível fazer isso sem enfraquecê-lo consideravelmente.

Eis o problema: ao domesticar um ser da nossa espécie, diminui-se seu rendimento e, assim, um homem-besta-de-carga sempre custa muito mais do que rende. Dessa forma, os colonos são obrigados a interromper a domesticação no meio do caminho. O resultado? Nem humano, nem besta: indígena. “Espancado, subalimentado, doente, amedrontado, mas até certo ponto apenas” (Sartre, 2005, p. 32-33).

Eis a contradição do colono: por não levar o massacre até o genocídio, nem a servidão até o embrutecimento, perde o controle do processo, provocando uma inversão e, conseqüentemente, a descolonização.

2.1 Violência do Oprimido

É claro que isso não se dá imediatamente. Primeiro, reina o europeu, já derrotado sem saber. Não percebe que os indígenas são já falsos indígenas. Faz mal aos indígenas e se defende, mostrando que o mal existe neles próprios. “A maldade está nos olhos de quem vê”.

Ao cabo de três gerações, esse instinto maldito será extinto, diz. Mas que instinto? Aquele que leva o escravo a matar o senhor? Não vê que é sua própria crueldade voltada agora sobre si? Como não reconhece nos escravos todo o

ensinamento que lhes deu sobre métodos violentos? Ora, isso se dá porque, tomado pela sua onipotência e pelo medo de perdê-la, esquece-se de que já foi humano um dia.

Acreditou na domesticação dessas "raças inferiores" através do condicionamento dos seus reflexos, tal como um cachorro pavloviano. Esqueceu-se, porém, da memória humana e das recordações inesquecíveis. E, sobretudo, de um detalhe: tornamo-nos o que somos a partir da negação íntima e radical daquilo que fizeram de nós.

Três gerações? Bastaram duas para que abrissem os olhos e vissem como seus pais eram espancados. Estão "traumatizados". Longe de submetê-los, toda essa agressão os leva a uma contradição insuportável pela qual os europeus não conseguem pagar. Dizem que eles só reconhecem a força, mas é claro: primeiro, a colonial; depois, a colonizada:

primeiro, será apenas a do colono e, logo, apenas a deles. Isso quer dizer: a mesma força, recaindo ao nosso encontro. Não se enganem; por esse louco amargor, por essa bile e esse fel, pelo desejo permanente de nos matar, pela contratação permanente de músculos poderosos que têm medo de se mover, eles são homens. *Pelo colono, que os quer homens-besta de carga, e contra ele. Ainda cego, abstrato, o ódio é o seu único tesouro: o Senhor o provoca porque tenta embrutecê-los, ele não consegue quebrá-lo porque seus interesses o detêm a meio caminho; assim, os falsos indígenas ainda são humanos, pela potência e pela impotência do opressor, que se transformam, no seu íntimo, numa recusa obstinada da condição animal (Sartre, 2005, p. 34).*

Todo pequeno furto e sabotagem, dirá Sartre, é expressão de uma resistência ainda um pouco desorganizada. Os que se lançam às armas, tornam-se heróis, enquanto outros tornam-se homens quando matam europeus.

A violência colonial se interioriza nos colonizados na forma de terror, não apenas aquele proveniente dos inesgotáveis meios de repressão, mas também aquele que lhes inspira seu próprio furor. Encontram-se encurralados entre as armas europeias e esses apavorantes desejos assassinos que lhes vêm do fundo do coração e que nem sempre reconhecem, pois não é a violência deles, mas a do outro. É a violência colonial que os dilacera e os aumenta, e sua primeira reação

é enterrar essa doença, que tanto a moral do colono quanto a do colonizado reprimem. “Leiam Fanon: saberão que, no tempo da sua impotência, a loucura assassina é o inconsciente coletivo dos colonizados” (Sartre, 2005, p. 35).

Toda essa fúria reprimida, sem ter por onde extravasar, acaba por enfurecer os próprios oprimidos, levando-os a matarem-se entre si. As tribos lutam umas contra as outras na falta de um inimigo verdadeiro em comum, o que, naturalmente, é incentivado pela própria política colonial: “o irmão, levantando o punhal contra o seu irmão, acredita destruir, de uma vez por todas, a imagem detestada do seu aviltamento comum.” (Sartre, 2005, p. 35). Porém, essa sede de sangue não é saciada e eles não evitarão lançar-se contra as metralhadoras, a menos que se alienem e se façam cúmplices de seus opressores. Assim, sob o olhar enganoso do colono, protegem-se de si próprios, recorrendo a rituais cuja solicitação por manias constantes faz extravasar sua exigência profunda:

Dançam; na dança movem os músculos dolorosamente contraídos e a dança mimetiza, em segredo, muitas vezes sem que eles saibam, o Não que eles não podem dizer, os assassinatos que não podem cometer. Em certas regiões, usam um último recurso: a possessão. O que era outrora fato religioso em sua simplicidade, uma certa comunicação do fiel com o sagrado, é transformado em arma contra o desespero e a humilhação (Sartre, 2005, p. 36).⁶

Esses anjos e demônios descem sobre eles, os possuem e governam sua violência, levando-os ao esgotamento. Em suma, defendem-se da alienação colonial por meio da alienação religiosa. “Com o único resultado, afinal de contas, que acumulam as duas alienações e cada uma reforça a outra” (Sartre, 2005, p. 36). Há ainda os casos daqueles escolhidos que sofrem outro tipo de alienação: a alienação ocidental.

Dois mundos, duas possessões: dança-se a noite inteira; quando amanhece, corre-se para a igreja para ouvir missa; a cada dia, a fissura aumenta. Nosso inimigo trai os seus irmãos e se faz nosso

⁶ No artigo “A República do Silêncio”, acerca da ocupação alemã durante a segunda guerra, a resistência, e a liberdade, se expressa pelo poder de dizer “não”. “Jamais fomos tão livres quanto na ocupação alemã. [...] E não falo aqui dessa elite que foram os verdadeiros Resistentes, mas de todos os Franceses que, a toda hora do dia e da noite, durante quatro anos, disseram *não*.” (Sartre, 1949, p. 11-12) Tradução nossa. Cf. artigo completo em: Sartre, 1949.

cúmplice; seus irmãos fazem o mesmo. O indigenato é uma neurose introduzida e alimentada pelo colono nos colonizados *com o consentimento destes* (Sartre, 2005, p. 37).

2.2 Violência Revolucionária

Chegou a hora do bumerangue, o terceiro tempo da violência: ela retorna para os colonos, golpeia-os e, como das outras vezes, eles não reconhecem que é sua própria violência voltada contra si. Os liberais ficam perplexos, reconhecem que deveriam ter sido mais carinhosos com eles e, na medida do possível, ter-lhes garantido algum direito:

o que mais queriam seria admiti-los, às fornadas e sem padrinho, nesse clube tão fechado, a nossa espécie. E eis que esse transbordamento bárbaro e louco não os poupa, como não poupa os maus colonos. (Sartre, 2005, p. 37).

A esquerda, por outro lado, fica constrangida. Conhece a verdadeira condição indígena e a opressão que lhes foi cruelmente imposta e, dessa forma, não condena a revolta dos colonizados. Mas, vez ou outra, crê que deve haver limites. Crê, por diversas vezes, que esses revoltosos são por demais deselegantes e que deviam ser mais cavalheirescos. censura-os, dizendo que vão longe demais e que não os apoiará mais por isso. “Eles pouco se importam: pelo que vale o apoio que ela lhes dá, ela pode enfiá-lo naquele lugar.” (Sartre, 2005, p. 38). Desde o início da guerra, sabem que valem o que são e que cada um dos europeus aproveitou-se deles. Portanto, não têm o que provar e tampouco farão justiça com algum deles. Têm um único dever e objetivo: expulsar o colonialismo por todos os meios possíveis.

Os mais conscientes entre os europeus estariam dispostos a admiti-los, mas não podem deixar de reparar o método inumano que esses sub-humanos assumem para conseguir sua carta de humanidade: “que esta seja concedida o mais depressa possível e que eles tratem então, por meios pacíficos, de merecê-la. Nossas belas almas são racistas” (Sartre, 2005, p. 38).

Há, portanto, uma clara dialética da violência — é o que pretendemos demonstrar aqui —, na qual a violência colonial, interiorizada pelo colonizado na

violência do oprimido, retorna ao colono na forma de uma violência revolucionária. Tese, antítese, síntese, e o jogo está fechado. Mas há um quarto momento dessa “dialética”: aquele que chamarei aqui de violência decolonial.

2.3 Violência Decolonial

Fará bem a elas, às suas almas, a leitura de Fanon. Essa violência indomável não passa do próprio homem se recompondo. As marcas da violência, dirá Sartre, nenhuma doçura apagará. Só a violência pode destruí-las. Assim, o colonizado se cura da neurose colonial expulsando, pelas armas, o colono que há em si e no outro.

Quando sua raiva estoura, ele reencontra a sua transparência perdida, ele se conhece na mesma medida em que se faz; de longe, consideramos sua guerra como triunfo da barbárie; mas se ela procede por si mesma à emancipação progressiva do combatente, ela liquida nele e fora dele, progressivamente, as trevas coloniais. Logo que ela começa, não tem piedade. É preciso ficar terrificado ou tornar-se terrível. Isso quer dizer: abandonar-se às dissociações de uma vida falsificada ou conquistar a unidade natal (Sartre, 2005, p. 39).

Ao receberem suas armas, os rituais morrem e as proibições desaparecem. Em suma, a arma de um combatente é a sua humanidade. Matar um europeu é como matar dois coelhos com uma cajadada só: morre um opressor e um oprimido. O sobrevivente sente, pela primeira vez, um solo nacional sob seus pés. Nesse momento, sua nação está sempre com ele, onde quer que vá ou onde quer que esteja. Confunde-se com sua liberdade mesmo.

Após a primeira surpresa, porém, o exército colonial reage. É preciso se unir ou fazer ou matar. As discórdias tribais diminuem, quase tendendo ao desaparecimento. Primeiro, porque põem em perigo a revolução; segundo, porque não têm outra finalidade senão fazer voltar a violência contra falsos inimigos. “Seu amor fraternal é o avesso do ódio que eles têm por vocês: irmãos pelo fato de que cada um deles matou e pode, de uma hora para outra, matar outra vez.” (Sartre, 2005, p. 39-40).

Livres de seus antolhos e cabrestos, o camponês toma consciência de suas necessidades. Se antes matava por ignorá-las, agora o faz como uma exigência. Para que essa violência popular se perpetue por tantos anos, é preciso que as necessidades militares, sociais e políticas se confundam.

[A guerra] já institui novas estruturas, que serão as primeiras instituições da paz. Eis pois o homem instaurado até em tradições novas, filhas futuras de um horrível presente, ei-lo legitimado por um direito que vai nascer, que nasce cada dia no combate, com o último colono morto, expulso ou assimilado; a espécie minoritária desaparece, dando lugar à fraternidade socialista. E isso ainda não basta. Esse combatente queima as etapas; vocês podem imaginar que ele não arrisca a pele para se ver no nível do velho homem “metropolitano”. [...] É um miserável lutando, na sua miséria, contra ricos poderosamente armados. Esperando as vitórias decisivas e, muitas vezes, sem nada esperar, ele atormenta os seus adversários até a náusea. Isso não ocorrerá sem horrorosas perdas; o exército colonial se torna feroz: buscas, perseguições, reagrupamentos, expedições punitivas; massacram-se as mulheres e as crianças. Ele sabe disso. Esse homem novo começa sua vida de homem pelo fim; considera-se um morto em potência. Será morto: não é apenas que ele aceite esse risco; ele tem certeza. Esse morto em potência perdeu a mulher, os filhos; viu tantas agonias que quer vencer, mais do que sobreviver; outros aproveitarão a vitória, não ele. Está cansado demais. Mas essa fadiga do coração está na origem de uma incrível coragem. Encontramos nossa humanidade aquém da morte e do desespero, ele a encontra além dos suplícios e da morte. Fomos os semeadores dos ventos; a tempestade, é ele. *Filho da violência, ele retira dela, a cada instante, a sua humanidade: nós éramos homens à custa dele, ele se faz homem à nossa. Um outro homem. De melhor qualidade.* (Sartre, 2005, p. 40-41).

Fanon para por aqui: mostrado o caminho, tornou-se porta-voz dos combatentes, reclamando a união do povo de todo o continente africano contra as discórdias e particularismos. Alcançou seu objetivo. Caso quisesse falar do fato histórico “colonização”, teria que falar dos europeus, mas este nunca foi o seu propósito. Porém, ao fechar o livro, ele permanece em seu leitor, a contragosto do próprio Fanon, porque sentimos a força dos povos revolucionários e respondemos na mesma moeda. Eis um novo momento da violência: é preciso

que nos voltemos sobre nós, pois essa violência nos está transformando, tal como o falso indígena se transforma. Também os europeus estão sendo descolonizados. Estão extirpando, por uma operação sangrenta, o colono que habita em cada um deles. Nas palavras de Yazbek:

Deslocado do centro de gravidade a partir do qual suponha ser a realização efetiva do consenso universal, este “homem” do “humanismo” liberal, o europeu branco, fará a experiência de si da negatividade pela violência insurrecional decolonial, que não é senão a fundante violência colonial transfigurada em impasse dialético da história (Yazbek, 2020, p. 99).

O primeiro passo é assistir a um espetáculo inesperado: o desnudamento do humanismo. O humanismo não era senão uma ideologia mentirosa, pura justificação da pilhagem e do massacre. Sua ternura e preciosismo justificavam a agressão colonial. Assumem uma boa aparência aqueles não violentos. Dizem-se nem vítimas nem carrascos. Ora, mas se não são vítimas, quando o governo aceitou em plebiscito que seu exército empreenderia um genocídio, certamente são carrascos. Mas, se preferem ser vítimas, que fiquem um ou dois dias na prisão, mas, diante dessa possibilidade, sempre buscam se desenrascar. Não podem. Devem ficar até o fim:

Compreendam isto, afinal: se a violência começou esta noite, se a exploração e a opressão nunca existiram sobre a terra, talvez a não-violência ostensiva possa pacificar a disputa. Mas se o regime inteiro e até os seus não-violentos pensamentos são condicionados por uma opressão milenar, a sua passividade só serve para situá-los do lado dos opressores. (Sartre, 2005, p. 42-43).

Os europeus sabem-se exploradores. Se apoderaram do ouro, dos metais e dos petróleo. A prova disso está nos palácios, nas catedrais, nas capitais industriais. Caso houvesse crise, lá estariam os mercados coloniais para abrandá-la ou desviá-la. A Europa deu a todos os seus habitantes o título de “humanos”. Em suma:

um homem, entre nós, significa um cúmplice, pois nós *todos* nos aproveitamos da exploração colonial. Este continente gordo e

pálido acaba por cair naquilo que Fanon chama justamente de “narcisismo”, Cocteau se irritava em Paris, “essa cidade que fala o tempo todo de si mesma”. E a Europa, faz diferente? E esse monstro supereuropeu, a América do Norte? Que tagarelice: liberdade, igualdade, fraternidade, amor, honra, pátria, e o que mais? Isso não nos impedia de ter ao mesmo tempo um discurso racista, negro sujo, judeu sujo, turco sujo. Bons espíritos, liberais e ternos – em resumo, neocolonialistas – se mostravam chocados com essa inconsequência. Erro ou má fé (Sartre, 2005, p. 43).

Ora, nada mais adequado para os europeus que um humanismo racista, na medida em que o humanismo europeu se fez forjando escravos e monstros. Na medida em que existia a condição indígena, essa impostura era velada, pois, no gênero humano, encontrava-se uma postulação de uma universalidade que servia apenas para encobrir práticas mais reais. Enquanto isso, ultramar, uma raça de sub-humanos que, um dia distante, graças à Europa, poderia chegar à mesma condição de humanidade europeia. Em suma, confundia-se o gênero com a elite, ou o universal com o singular. Mas agora o indígena mostra sua verdade. Subitamente, esse clube tão fechado tem sua fraqueza revelada: não era nem mais nem menos que uma minoria. A situação se agrava diante do fato de que eles se fazem homens contra nós, o que evidencia que, na verdade, nós é que somos o inimigo do gênero humano. A elite descobre sua verdadeira natureza: é uma quadrilha. Os mais benditos valores perdem suas asas e, se olhamos ao redor, não veremos um que não esteja manchado de sangue. Em suma, a violência colonial produz, no âmago do colonizado e do colonizador, o que Sartre chama de “neurose colonial”, cuja cura é o próprio exercício da violência, mas, dessa vez, voltada para o colonizador.

Eis o resultado da revolução de Fanon e de seus irmãos: o desnudamento do humanismo racista europeu. Torna-se claro que o ideal de humanidade e de igualdade universal era um conto de fadas para justificar toda a violência e opressão do processo exploratório colonial. O remédio para essa doença é sua própria causa: a violência.

Referências

ALT, F. Linguagem e colonialidade na relação Sartre e Fanon. In: CAPRIO, F.; NORBERTO, M. (Org.). *Paradoxos da virtualidade*. Sartre e a contemporaneidade. Porto Alegre: Fênix, 2021.

COHEN-SOLAL, A. *Sartre: 1905-1980*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

DOSSE, F. *A Saga dos intelectuais franceses, volume 1: à prova da história (1944-1968)*. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

FAUSTINO, D. M. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. *EntreLetras (Online)*, v. 11, p. 74-101, 2020.

SARTRE, J. P. *Situations III*. Paris: Gallimard, 1949.

_____. *Saint Genet: comédien et martyr*. Paris: Gallimard, 1952.

_____. *Situations IV*. Paris: Gallimard, 1964.

_____. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difel, 1968.

_____. *La responsabilité de l'écrivain*. Paris: Éditions Verdier, 1998.

_____. “Préface de Jean-Paul Sartre (1961)”. In: FANON, F. *Les Damnés de la Terre*. La Découverte, Paris, 2002.

_____. Prefácio à Edição de 1961, por Jean-Paul Sartre”. In: FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

_____. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2015a.

_____. “Marxismo e Subjetividade”. In: SARTRE, J.-P. *O que é Subjetividade?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.

YAZBEK, A. C. Sartre contra o humanismo: negatividade e violência. *Kalagatos - Revista de Filosofia (Versão on-line)*, v. 17, p. 86-101, 2020.